



## PAINEL DE EXPERIÊNCIAS

# Ciclos Morar e Finitudes: o processo e a construção

por Affonso Lobo Chaves, Diana Gama Santos,  
Priscila Machado Nunes e Rosângela Barbalacco



O programa Trabalho Social com Idosos, embasado por parâmetros, diretrizes e objetivos relativos ao envelhecimento, atua por meio de ações desenvolvidas nas Unidades do Sesc São Paulo. Uma provocação do programa é levar ao público a discussão de temas delicados, presentes na velhice, para fomentar a troca de experiências, ideias e saberes. Neste sentido, foram criadas em parceria com as Unidades - Santos e Ipiranga - e a Gerência de Estudos e Programas Sociais (GEPROS), ações sob o formato de ciclos temáticos.

Para atingir os idosos, especialistas na área do envelhecimento e longevidade e pessoas interessadas na temática, o formato de ciclos temáticos tem se apresentado como uma maneira democrática de ação. Além de palestras e debates, os ciclos incluem espetáculos teatrais, intervenções artísticas, shows e exposições.

No Sesc Santos, em 2016, aconteceu o Ciclo Morar e, em 2017, o Ciclo Finitudes, no Sesc Ipiranga. Ambos trataram de questões sensíveis. O





## RAIO-X

### **Rosângela Barbalacco**

Jornalista e pós-graduada em História da Arte pela Universidade Belas Artes. Animadora Sociocultural do Sesc Santos.

rosangelab@  
sescsp.org.br

### **Diana Gama Santos**

Graduada em Ciências Sociais pela UNESP, com especialização em Cinema Documentário pela Universidad Autónoma de Barcelona. Pesquisadora em audiovisual. Animadora Cultural do Sesc Ipiranga.

diana@ipiranga.  
sescsp.org.br

### **Affonso Lobo Chaves**

Bacharel em Comunicação das Artes do Corpo pela PUC-SP, com habilitação em Teatro e Performance. Ator, performer, diretor, arte-educador, terapeuta e preparador corporal. Animador Cultural do Sesc Ipiranga.

affonso@ipiranga.  
sescsp.org.br

### **Priscila Machado Nunes**

Graduada em Jornalismo pela Faculdade César Lúber, especialista em Estudos Internacionais pela Universidade de Barcelona. Animadora Cultural do Sesc Ipiranga.

priscila@ipiranga.  
sescsp.org.br

primeiro apresentou as várias formas de moradia na velhice, com propostas e modelos em que a responsabilidade social é compartilhada, e o segundo discutiu as questões que envolvem o fim da vida, os cuidados paliativos e as reflexões acerca da morte em uma perspectiva de expansão da existência.

#### **MORAR: ESPAÇOS DE AFETO**

No ciclo “Morar: Espaços de Afeto” investigou-se a questão da moradia, relacionada ao envelhecimento. Reflexões foram feitas sobre novos arranjos familiares, instituições de longa permanência e modificações estruturais necessárias para a segurança do idoso nas casas e cidades. Também se procurou dar visibilidade aos aspectos emocionais “do morar”, que puderam ser observados, principalmente, nas ações artísticas que fizeram parte da programação.

Atualmente, cerca de 20% da população de Santos têm mais de 60 anos. No país, essa média é de 14,3%, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD). Considerando-se este contexto, e o crescimento da população idosa com mais de 80 anos, os idosos longevos, a temática “moradia” é um fator que precisa ganhar visibilidade.

Para discutir esse tema, além da programação de palestras, abertas a todos os públicos, o ciclo contou com apresentações artísticas, oficina de vídeo e uma visita a uma das repúblicas de Santos.

Abrindo o Ciclo, a palestra com a poetisa, filósofa e psicóloga Viviane Mosé ressaltou a importância do afeto para o convívio social em todas as fases da vida. Assim, segundo a autora, antes mesmo do espaço físico das habitações, é preciso criar um espaço de afeto, que humanize as relações.

A questão das Instituições de Longa Permanência, as ILPIs, foi discutida por Ana Amélia Camarano, economista, especializada em estudos populacionais. Para a pesquisadora, as instituições de longa permanência devem ser consideradas como um espaço para se viver a última fase da vida com dignidade.

Mas, e o morar sozinho na velhice? É possível? Para Mariela Besse, terapeuta ocupacional, existem riscos e benefícios possíveis para os idosos que optam por morar sozinhos. Na palestra, estavam presentes dois idosos, frequentadores da Unidade de Santos, que moram sozinhos. Francisco, 99 anos, e Lilian, 93 anos. Os dois optaram por morar sozinhos após a morte dos cônjuges.

Sozinhos ou acompanhados, o espaço físico de moradia dos velhos requer adaptações. Para falar sobre a segurança na locomoção da pessoa que envelhece, foi convidada a arquiteta, especializada em gerontologia, Andréa H. Pfitzenreuter.

A programação artística teve início com a exibição de dois curtas. A “Casa em Pequenos Cubinhos” mostrou um personagem, aparentemente idoso, lembrando sua história, viajando por vários ambientes de uma mesma casa. O outro curta, “Dream Ranger”, apresentou a história de idosos que desafiaram suas questões de saúde e partiram em uma viagem de moto, mostrando, neste caso, a habitação como lugar de confinamento, de onde se quer fugir. Os filmes foram comentados pela mestra em gerontologia, Luciana Helena Mussi.

O espetáculo teatral “Cidade Submersa”, foi resultado de pesquisa do grupo Impulso Coletivo sobre as memórias no espaço urbano, que teve como ponto de partida a relação entre memória

e identidade na metrópole em confronto com a especulação imobiliária. O espetáculo reconheceu a importância da moradia como espaço de afeto, que extrapola a dimensão arquitetônica e trouxe depoimentos de idosos moradores da Vila Itororó, vila histórica da década de 20, em São Paulo, ameaçada, à época da construção do espetáculo, pela especulação imobiliária.

Unindo tecnologia e memória, a mostra audiovisual “Em Particular”, realizada pelo coletivo DUO b, mesclou o relato gravado de idosos, transformado em peças sonoras, com fotos de objetos que fizeram parte da história relatada. A mostra foi exibida na área de convivência da Unidade.

A oficina intergeracional “Onde você mora?”, realizada no Sesc Santos por profissionais da

Querô Filmes, para jovens e idosos, gerou três curtas-metragens: Marlene Maravilha, Casa das Vovós e República. A intenção da oficina, além de unir idosos e jovens, foi de despertar um novo olhar para a questão da moradia, deixando de lado os estereótipos relacionados aos mais velhos. Ao longo das oficinas, observou-se jovens e idosos trabalhando de forma conjunta e complementando as habilidades uns dos outros.

E, por fim, o ciclo trouxe os espetáculos de teatro de bonecos do projeto Velhas Caixas, concebido e executado pela atriz e diretora Juliana Notari. As apresentações foram criadas para atender apenas um espectador por vez, em pequenas cenas que retratavam as histórias observadas por Juliana durante residência que realizou em duas instituições francesas para idosos.



A cidade de Santos sempre é lembrada como uma das primeiras cidades a implantar, na década de 90, repúblicas para idosos. Neste sentido, foi organizada uma visita dos idosos frequentadores do Sesc, aos moradores de uma das três repúblicas existentes na cidade.

Os idosos frequentadores do Sesc Santos têm perfil socioeconômico superior à média nacional. Os que habitam a república, ao contrário, pagam um aluguel social, não tem familiares vivos ou romperam os laços com a família, e foram para a república porque não tinham onde morar. O intercâmbio entre esses dois grupos foi repleto de afetividade e carinho apesar de todas as diferenças sociais e econômicas. Os idosos, de modo geral, são influenciados pelos mesmos problemas, e o lugar onde moram pode ser um espaço de acolhimento e afeto.

#### **FINITUDES**

##### **RECEBER A NOTÍCIA**

Em 2017, a partir de uma intenção conjunta, a equipe do Sesc Ipiranga e da GEPROS concebeu a realização de um projeto sobre morte e velhice no âmbito do Programa Trabalho Social com Idosos.

A morte ainda é um tabu. Pelo menos em parte de nossa sociedade. Por isso, o grande desafio era compreender como trabalhar esse tema para (e com) pessoas idosas de forma a convidá-las para falar sobre isso e, a partir deste convite, passar a questões mais práticas, discutindo acerca da cultura e dos modos de viver a morte.

Nosso trabalho partiu de um embrião gerado no início do ano entre a GEPROS e parte da equipe do Sesc Ipiranga, sendo gestado, a partir de junho, por três animadores recém-chegados ao Sesc. Assim nasceu o segundo ciclo da série: Finitudes.

#### **PREPARAR O RITO**

Com o conceito definido a três mãos, a programação do Finitudes desenhou-se a partir de ações nas áreas socioeducativa e cultural, propostas com o intuito de oferecer, ao longo de quase dois meses, um ciclo que contemplasse experiências éticas, estéticas e poéticas: a morte sob diferentes perspectivas.

Mesas de discussão, mostra de filmes, espetáculos de dança, teatro e música, performances e oficinas apresentaram olhares diversos sobre o morrer na velhice.

#### **O RITO**

A Cia. Hiato orientou a oficina de teatro, em forma da ação-processual "Carta a D. - Leitura cênica de um amor", que proporcionou ao grupo de pessoas idosas participantes a oportunidade de trazer à cena, de forma tocante, sensível e com leveza, suas histórias de amor e suas relações com o processo criativo, em meio a trechos da carta de André Gorz à sua amada Dorine. Na história, ambos se suicidaram após anos de luta contra uma doença degenerativa que a acometeu.

Proposta pela atriz Lavinia Pannunzio, a "Leitura comentada de Elizabeth Costello", de J.M.Coetzee teve a participação do psicanalista Jorge Forbes em uma conversa sobre envelhecimento e morte.

Ainda na linguagem teatral, o espetáculo infantil "Tem, mas acabou!", da Cia. As Graças, proporcionou às crianças, e a quem as acompanhava, uma experiência com a morte, que unia poesia, mágica e humor, tratando da sua importância no ciclo da vida.

A estreia de "Fino Fio", espetáculo de dança criado pelas jovens Maria Eugênia e Flora

Poppovic, dirigidas por Cristiano Meirelles, e sob orientação do experiente Antonio Nóbrega, mostrou formas afetuosas e cheias de poesia para tratar da morte em folguedos populares do Brasil e do México.

“Diálogos alados: Colóquios sobre a morte” trouxe, na primeira etapa, os artistas Luis Arrieta e Luis Ferron, ambos com mais de 60 anos, dançando, em “Os Corvos”, a experiência que tiveram ao viverem as doenças e mortes de seus pais e mães. Na segunda etapa, Ferron dançou, com artistas na faixa dos 30 anos (Daniela Dini, Andrea Yonashiro e Daniel Fagundes), as diversas mortes presentes no ciclo da vida, em “Libélulas de Vidro”.

Um sarau lítero-musical, realizado por Joana e Jean Garfunkel e com a presença dos músicos Pratinha Saraiva e Pichu Borrelli, reuniu obras de diferentes artistas da poesia, da música e da literatura para compor um repertório sensível e com leveza sobre o morrer.

Relatos e conversas com especialistas em mesas de bate-papo criaram espaços para a reflexão sobre a morte, desde a experiência pessoal transformada em arte até a experiência coletiva em ritos de diferentes culturas, passando pelo debate sobre a autonomia em relação às escolhas de como morrer. Participaram dos encontros: Heloisa Seixas, Edgar de Assis Carvalho, Christine Greiner, Ailton Krenak, Acácio Almeida, Camila Appel, Luciana Dadalto, Elca Rubinstein e Maria Goretti.

Em uma mostra de filmes infantis e adultos, apresentou-se uma cartografia da morte, que possibilitou um caminhar entre temas como a eutanásia, a despedida, o amparo dos outros, o olhar estrangeiro, o aspecto cômico e o amor.

Ritos simbólicos, apresentados em um espaço de passagem da unidade, com a performance “[A] Terra”, concebida pelo dançarino e coreógrafo Rubens Oliveira, e, ritos concretos, representados por uma coleção de obituários, instalados em uma caixa cênica pela light designer Aline Santini, convidaram o público a vivenciar essa dupla experiência.

Idosos também protagonizaram o fazer artístico na voz de Nelson Sargento, sob a batuta de Arismar do Espírito Santo, e no tecer de uma manta-mortalha, “Entre sonhos e memórias”, em oficina orientada por Fabiano Menna.

#### **ECOS DA EXPERIÊNCIA**

##### **“NÓS QUEREMOS DESAFIO”**

Quando se fala sobre a morte, em várias dimensões, também é o momento de se repensar a vida e quanto maior a vivência, mais profundas são as reflexões e as emoções que vêm à tona. A complexa experiência de relacionar memórias e relatos íntimos ao livro Carta a D., que trata do amor e morte de um casal de idosos, foi a provocação feita dentro do projeto Finitudes a um pequeno grupo formado por pessoas com mais de 60 anos.

Na atividade de composição literária e cênica, proposta pelas atrizes da Cia Hiato, o grupo de não atores alternava suas histórias à leitura da carta de despedida contida no livro. O resultado da oficina, que culminou com a leitura cênica de Carta a D., mostrou a coragem e disposição dos idosos participantes para a vida.